



Dossiê bilíngue “Gênero, Memória e Cultura”. *“Género, Memória y Cultura”*

Apresentação

Tânia Mara Campos de Almeida*

*Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) – e-mail: taniamaraca@unb.br

O presente dossiê do *Arquivos do CMD*, “Gênero, memória e cultura” / “Género, memória y cultura”, traz como linha central de debate a importância de se considerar esses três constructos conjuntamente, o que favorece a identificação de relevantes fenômenos sociais pouco considerados nos estudos habituais sobre cultura e memória, bem como no aprofundamento de suas análises. Mostra-se profícua a perspectiva de gênero para se pensar, articuladamente, o campo original deste periódico, uma vez que possibilita problematizar significados simbólicos de construção identitária e afetiva por ângulos sensíveis à vivência situada em condições existenciais próprias a mulheres, grupos LGBTQIs, artistas e intelectuais.

Além disso, o enfoque feminista da abordagem de gênero ora contemplada e sua intersecção com outros marcadores sociais, tais como raça, etnia e classe social, possibilitam perceber várias dimensões do entranhado jogo de poder que perpassa o ato de recontar o passado, a seleção de referências culturais na atualidade e, também, a luta por direitos e projetos de futuro. Desse modo, no entretecido de intrincadas questões, vê-se o surgimento de ações práticas e elaborações simbólicas de cunho político, visando estabelecer resistências a partir da recuperação de tradições

praticamente esquecidas, de novas linguagens estéticas e lúdicas para lidar e superar um mundo de opressões, assim como estabelecer horizontes e territórios outros ao desejado devir.

Trata-se de um conjunto de artigos, agrupado neste dossiê, que evidencia reflexões resultantes de pesquisas em solo brasileiro e argentino, mesmo que alcancem personagens e lugares além. Embora suas autoras e seus autores possuam formação em Ciências Sociais e Humanas, o diálogo que travam com seus objetos supera as fronteiras disciplinares, colocando em foco referências bibliográficas fora de seus nichos acadêmicos habituais e promovendo a conversação entre si. É curioso como termos e conceitos vão sendo lançados em um texto e retomados nos outros, o que cria interação e organicidade entre eles. É ainda relevante o fato de comporem um conjunto bilíngue, já que os manuscritos se encontram em português e castelhano, de acordo com o idioma materno da autoria, o que facilitará o intercâmbio da nossa produção entre amplos públicos da América Latina e Península Ibérica.

O primeiro dos artigos, pertencente às doutoras e professoras Dione Oliveira Moura (FAC/UnB) e Tânia Mara Campos de Almeida (SOL/UnB), intitula-se *Ancestralidade, interseccionalidade, feminismo afrolatinoamericano e outras memórias sobre Lélia*



Gonzalez. Resulta de uma investigação que se inicia com jornalistas negras brasileiras, meio em que a antropóloga e ativista Lélia González é mencionada como uma forte inspiração a suas práticas e reflexões. Essa observação se estende também a outros grupos sociais em projetos de grande repercussão cultural no país. O artigo se volta, então, à identificação dos processos que a constituem nesse relevante lugar simbólico, revelando os sentidos cognitivo-afetivos a eles atribuídos por diversos materiais empíricos. Por fim, descreve e analisa os três principais núcleos memórias encontrados sobre Lélia González: ancestralidade, amefricanidade e feminismo afrolatinoamericano.

O artigo seguinte, *La educación es política: desafíos para construir procesos educativos feministas*, é assinado em coautoria entre a doutora e professora Florencia Maria Cremona (Universidad Nacional de La Plata-UNLP/Argentina) e sua orientanda de doutorado Rocío Gariglio (Universidad Nacional de La Plata-UNLP/Argentina). Em linhas gerais, aborda o curso de especialização sobre violência de gênero e resistências feministas, oferecido pelo Museo Evita (Buenos Aires/Argentina) há anos. Baseado em dois eixos de argumentação: (i) traz à tona o forte significado da memória política argentina através do espaço físico onde ocorre o curso; (ii) a relação entre o legado histórico de Eva Péron e uma proposta educativa para profissionais de graduações e atuações diversas na sociedade local. O curso também é abordado enquanto processo de sensibilização e capacitação que recupera

aportes da educação popular e da literatura acadêmica de gênero para construir um enfoque feminista e coletivista da aprendizagem.

O terceiro artigo é da doutora e professora Karina Bidaseca (Universidad de Buenos Aires – UBA/Argentina), *Territorializar las memorias, abrazar los mundos: Ana Mendieta, arte feminista situado*. De modo inovador em relação aos textos habituais sobre obras artísticas e artistas, a renomada e jovem Ana Mendieta é aqui considerada a partir das formas de pensamento e estéticas femininas transatlânticas, ao mesmo tempo que é enraizada em ideias como territórios de memória, arte feminista situada, afrocentrismo e decolonialidade latino-americana. O foco em sua obra compreende o período de 1977 a 1982, para o qual a autora desenvolve o conceito de “poética (erótica) da relação”, em discussão com Édouard Gissant e Audre Lorde. Os recursos metodológicos utilizados se serviram de revisão bibliográfica e documental, além de trabalho de arquivo etnográfico com metodologia socioafetiva entre mulheres.

A doutora e professora Alejandra Cebrelli (Universidad Nacional de Salta - UNASa/Argentina) é a autora de *Escenarios y modalidades de la visibilidad y participación política de mujeres originarias en artículos periodísticos (Argentina, 2000-2019)*, que se dedica detalhadamente a discutir imagens identitárias de mulheres indígenas (das etnias wichi, quom, guaraní e koya), difundidas em grandes meios de comunicação argentinos nos últimos vinte anos. Grosso modo, nota-se que há um trânsito entre essas mulheres serem organizadas em narrativas fragmentárias do “eu”, que as tornam objetificadas, estigmatizadas e silenciadas, para assumirem a



participação política, em que tomam o direito à palavra, memória e cultura próprias em diversas e tensas conjunturas sócio-históricas que vivenciam no espaço público do período.

A doutora em sociologia Bruna Cristina Jaquetto Pereira (PPGSOL/UnB) assina *Batekoo: território de afetos*. Trata-se de um texto que descreve e analisa, com aguçada sensibilidade etnográfica, os preparativos, a Batekoo em si e o momento posterior dessa festa, dirigida ao público negro e LGBTQIs de periferia urbana, na sua edição de 2018 na cidade de Brasília (DF). Em particular, buscou revelar o discurso da organização do evento quanto aos marcadores gênero e raça, assim como a experiência de seus/suas participantes, considerando a estética dominante nos corpos, nas interações afetivas e redes sociais, na ocupação do espaço e nas fotografias circulantes a respeito. Para tanto, lançou mão do modelo interseccional especialmente para tratar as questões relativas à estética, sexualidade e moralidade sexual presentes nesse ambiente.

Tradição Calundzeira: um conceito diaspórico é o sexto artigo do conjunto, confeccionado pelo doutor Guilherme Nogueira Dantas (PPGSOL/UnB). Nele, o autor tem por objetivo discutir a ressignificação do termo tradição, a partir da diáspora negra no país. Por essa perspectiva, tal termo opõe-se à “colonial modernidade” pelo olhar político-religioso das mães de santo desde as primeiras formações dos terreiros afro-brasileiros, os heterogêneos e sincréticos Calundus coloniais. Ao recuperar esse termo na história e na memória dessas lideranças religiosas femininas, observa-se que a escravidão e

o contato dos grupos negros com saberes indígenas se tornaram componentes intrínsecos de resistência a opressões e de formação de sociabilidades em permanente atualização hoje nos terreiros.

Por fim, tem-se o artigo do mestre em sociologia (PPGSOL/UnB) e professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF), Rodolfo Godoi, nomeado *O cômico na performance artística de Ney Matogrosso*. Suas reflexões exploram a comicidade na performance do célebre cantor e artista Ney Matogrosso, levando em conta uma das músicas por ele cantada de enorme sucesso no país e no exterior, *Homem com H* (autoria de Antônio de Barros, composta nos anos 1970). Interessa-lhe saber como a performance artística referente a essa obra foi capaz de gerar uma inquietação no público à época por meio do humor, possibilitando crítica aos padrões hegemônicos da heteronormatividade, assim como aos estereótipos patriarcais do masculino e do feminino. Do meio dessa inquietação, emerge uma disputa simbólica que se torna uma relevante referência à memória cultural de grupos LGBTQIs no Brasil.

Diante desse conjunto qualificado de sete artigos, o dossiê “Gênero, memória e cultura” / “Género, memoria y cultura” procura dar uma contribuição significativa aos debates promovidos pelo periódico *Arquivos do CMD*, adensando-os e ampliando seu escopo para temáticas, objetos e abordagens inovadoras e transnacionais. Que as leitoras e os leitores façam dele bom proveito!